

28-02-2023

Geografia do Cafundó

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Certa vez ouvi a definição de uma cidade de Goiás como “cafundó”. “Distante e inviável” a ponto de não haver motivos para a continuidade do investimento na manutenção de um campus da Universidade naquele lugar. Poucos meses depois eu conheci essa cidade, esse cafundó. Como entendo que distância é a separação de dois pontos e que no percorrer do caminho posso encontrar mil motivos para geografar, não achei distante... Mas fiquei encucado sobre o tal Cafundó: lugar plano localizado no Vale do Rio Araguaia, local das mais belas praias de Goiás, próximo à maior ilha Fluvial do Mundo, território de diferentes povos indígenas. Ao contrário do anunciado, entendi que o lugar reunia todos os motivos para ali se “investir”. Na maioria das situações a negação do lugar é feita de maneira velada, na roda de conversa, na piada do bar. Para a Geografia, o conceito de lugar é definido pelas relações interpostas pelos sujeitos e o ambiente. Não se trata aqui de debater o conceito de “não-lugar” - local onde não se estabelecem vínculos. A negação do lugar tem um viés do preconceito e este atinge os espaços habitados - portanto as pessoas. Conceitualmente o vínculo de pertencimento define a Cidadania no contexto de um Estado-Nação.

A negação do lugar, neste caso, pode ser definida como a negação da cidadania de quem mora e se constitui no lugar.

Nos cafundós existem pessoas, opressoras e oprimidas que, de alguma forma, ajudam a alimentar o sistema, consumindo e pagando impostos. Se considerarmos o Brasil e a injusta tributação sobre consumo, são as pessoas mais pobres, nos cafundós, que proporcionalmente pagam mais impostos e têm menos acessos aos serviços. Lugares negados podem ter ruas de terra batida e sem os limites com o que seria a calçada, onde as águas das chuvas, e muitas vezes do esgoto, procuram seu próprio caminho. Por vezes os buracos viram reservatórios da água barrenta da chuva ou do lixo acumulado.

Ainda assim, são lugares, pois existem casas e nestas moram trabalhadores. Não importa se a casa não segue o padrão estético dos apartamentos de luxo de bairros nobres.

Ali existe gente - é um lugar. Mesmo que abandonado pelo estado, é um Lugar - portanto é gente.

O negar, para além do preconceito, é uma forma de distinguir classes. Lugares pseudoimportantes em contraponto aos lugares sem valor. Por impulso/interesse à autovalorização, é definido o status dos lugares importantes e negados os classificados como menos importantes. Daí vem a lógica de distribuição de investimentos/aplicação de recursos. Como se aqueles que moram no cafundó não merecessem nada.... Nas cabeças preconceituosas, a Arte, uma das razões da existência humana, é substituída pelo capital.

Basta um pouco de capital para transformar aquilo que era feio em belo. Esses incrédulos, que antes achavam o lugar um cafundó/um fim de mundo, passam a apreciar o mesmo. Os conceitos de distância - longe, perto ou as expressões “fim do mundo” e “cafundó” - não deveriam ser usadas por geógrafos. Os garimpeiros devem ser bons geógrafos... ...para eles não há distância. Basta pensar que eles invadiram a terra tão distante - os cafundós dos Yanomamis.

Os garimpeiros, na verdade, são como uma pá suja do capital - suja de mercúrio, suja de barro da terra removida dos rios, suja de sangue indígena. O serviço prestado é de eliminar os índios, transformando os cafundós dos Yanomamis. Para quê? Nas palavras do Governo de Roraima - para o desenvolvimento.... Simples... o mesmo capital que transforma o feio em belo (....). O cafundó Yanomami nunca mais será o mesmo. A negação da arte e da vida - o capital resolve tudo! Será que Cordisburgo/MG ou Brotas de Macaúba - Chapada Diamantina/BA são fins de mundo? A Eritreia, na África, é um fim de mundo? Fim de mundo deve ser uma expressão de terraplanista. Pelas ruas de Nampula/Moçambique, a trabalhadora varre a sujeira deixada em uma pequena fração urbanizada em relação à cidade que se confunde com o rural. A sujeira, talvez, tenha sido deixada por um visitante estrangeiro menos avisado. Aqui, nesse “fim de mundo” para alguns e local de trabalho para muitos outros, inclusive para essa mulher, temos um lugar/uma vida - muitas vidas!!!



Foto do autor



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.